

# Horror sagrado

13. VII. 52 RAUL PILLA

O sr. Manuel Duarte, formado, convém não o esquecer, na escola sociocrática de Julio de Castilhos, que, por mais de trinta anos, impôs a ditadura ao Estado do Rio Grande do Sul, escreveu longo artigo no "Jornal do Comércio", no qual impugna a reforma parlamentarista. Atitude coerente, que deve ter merecido os maiores louvores a um democrata da gema, como o general Firmino Paim.

Não discute o articulista o mecanismo proposto, não lhe analisa os possíveis defeitos de funcionamento. Contra a reforma parlamentarista, invoca apenas a autoridade de escritores presidencialistas. Que autores são esses? Da primeira fase da República, quando ainda era lícito espudesse dar os almejados frutos pudesse dar os almejados frutos. Tal, por exemplo, Aurelino Leal. Que pensaria hoje o eminente homem público a respeito da matéria, se fôsse vivo e tivesse podido observar a progressiva decadência dos nossos costumes políticos, sob a influência da ditadura constitucional do presidente da República? Sendo verdadeiro democrata, não se teria convertido, como tantos outros, ao parlamentarismo?

E Assis Brasil? Pueril seria negar a sua funda prevenção contra o parlamentarismo. No seu ardente espírito de republicano, sistema parlamentar e monarquia se confundiam na mesma condenação. Mas já nos primeiros anos da República, publica êle um dos seus grandes livros, em que procura modificar fundamente o sistema da Constituição de 1891. Eleição do presidente da República, pelo Congresso, reunião de ministros em Gabinete sob a presidência de um primeiro-ministro, comparecimento dos ministros ao Congresso, são as feições mais características do sistema proposto, o qual classificado embora como presidencial pelo Autor, representa uma indisfarçável transição para o sistema parlamentar. Era, em verdade, um presidencialista *sui-generis* o eminente Assis Brasil. Em 1928, fundou êle o Partido Libertador, em cujo programa se lia: comparecimento e responsabilidade dos ministros perante o Congresso. Para chegar ao parlamentarismo, só faltava uma coisa: a dissolução da Câmara dos Deputados. Tal foi a evolução do pensamento político do eminente republicano. Se não chegou ao parlamentarismo clássico, chegou-se muito a êle.

E Borges de Medeiros? Esqueceu o sr. Manuel Duarte o seu velho chefe que, depois de 1932, publicou um interessante livro "O Poder Moderador", que é uma condenação do presidencialismo brasileiro. Não tivesse êle sobrevivido aos seus companheiros da propaganda republicana, e não poderia ter ocorrido a significativa evolução do seu pensamento político.

Mas, verdade seja, o sr. Manuel Duarte não invoca apenas gente morta. Cita o sr. Oliveira Vianna. Do sociólogo se terá dito quanto baste, relembrando a sua prevenção contra os parlamentos e a sua apologia do Estado Novo. Ninguém lhe poderá negar uma entranhada coerência. Aprofunde-se o presidencialismo de muita gente: nêle se encontrará um horror sagrado à democracia.